

7º DIA DO JULGAMENTO DO “CASO MATAVELE”

“Camarada” Machava: um declarante que devia estar sentado no banco dos réus



Sete meses depois do assassinato de Anastácio Matavele, a viatura usada no crime continua registada em nome de Henriques Albino Machava, edil de Chibuto. A garantia foi dada ontem pelo próprio quando ouvido como declarante num processo em que já foi arguido.

Isto significa que, em termos legais, o “camarada Machava” continua sendo o proprie-

tário da Toyota Mark X que transportava o pelotão do GOE que matou à queima-roupa o activista social Anastácio Matavele, a uma semana das eleições gerais de 2019.

Aliás, foi na qualidade de dono da viatura usada no homicídio que o nome de Henriques Machava constava da lista dos arguidos na acusação provisória. Entretanto, terminada a instrução contraditória, o Ministério

Público decidiu deixar de lado o “camarada Machava” e manteve na acusação definitiva o nome de Ricardo Manganhe, o suposto comprador da viatura.

Suposto comprador porque não existe nenhum documento que prova que Manganhe comprou a viatura do edil de Chibuto: o título de propriedade está em nome de Henriques Machava; não há declaração de compra e venda (escritura pública) assinada pelos dois; e, ao que tudo indica, ainda não foram apresentados os comprovativos de pagamento.

Ao tribunal, Machava disse que no dia 29 ou 30 de Agosto recebeu o talão de depósito de 200 mil meticais referente ao pagamento

da primeira prestação da venda da Toyota Mark X. Perguntado se já tinha recebido o valor remanescente de 50 mil meticais, o declarante respondeu positivamente.

Ainda assim, ele não soube dizer quando é que recebeu a última prestação da venda da sua viatura. Isto é, Henriques Machava tem em memória factos ocorridos há nove meses, nomeadamente a data do pagamento dos 200 mil meticais, mas já não se lembra de quando é que Manganhe pagou a última prestação de 50 mil meticais. Prometeu para hoje, sexta-feira, apresentar ao tribunal o comprovativo deste pagamento, cujo acordo verbal previa que fosse feito dentro de dois meses, isto é, até Outubro de 2019.

Machava estava em Maputo no dia em que Matavele foi assassinado

Em declarações ao tribunal, o edil de Chibuto disse que o seu motorista tomou conhecimento de que a viatura estava à venda no dia em que os dois foram ter com o mecânico que tinha ficado com a Toyota Mark X. “Ele acompanhou a conversa que tive com o mecânico e tomou conhecimento de que a viatura estava à venda quando aquele disse que ainda não tinha arranjado cliente”.

Entretanto, Vitorino Muchanga já tinha dito ao tribunal, minutos antes, que foi o próprio “seu chefe” Machava que o orientou para informar ao mecânico que a viatura estava à venda. Confrontado com estas declarações, o edil de Chibuto admitiu que pode ter falado com o motorista, mas não se lembrava uma vez que o “processo de venda da viatura já vinha de muito tempo”.

Solicitado a esclarecer em que circunstâncias Ricardo Manganhe, funcionário do município de Chibuto, o contactou para a compra da viatura, Machava respondeu que a abordagem inicial foi com o motorista Vitorino. “Só mais tarde é que tive contacto com Ricardo. E neste contacto, Ricardo disse que não tinha o valor completo para o pagamento. Ultrapassada esta questão de valores, disse a ele que podia tratar tudo com Vitorino”.

Sobre o envolvimento da viatura no crime, Machava explicou que tomou conhecimento



que a mesma tinha sido usada no atentado contra Matavele através do seu mecânico, residente em Xai-Xai. Ele estava na cidade de Maputo. “Procurei falar com Manganhe, mas ele estava com os telemóveis desligados”.

No dia seguinte, 8 de Outubro, o edil disse que viu Manganhe nas cerimónias alusivas ao Dia da Cidade de Chibuto, mas não chegou à fala com ele. “No dia 9, chamei-o para o meu gabinete e pedi que me explicasse o que teria acontecido com a viatura. Ele respondeu que tinha emprestado a viatura ao Nóbrega”.

Coincidência ou não, o facto é que Henriques Machava conheceu Nóbregas Chaúque, um dos operativos do GOE que morreu no acidente. “O tio de Nóbrega casou com a minha prima”. Isto é, Manganhe comprou a Toyota Mark X do seu superior hierárquico e empres-

tou-a ao seu amigo Nóbrega que, por sua vez, é familiar do edil de Chibuto.

E mais: Na acusação provisória, consta que Manganhe manteve os telemóveis desligados nos dias 7 e 8 de Outubro e que não esteve presente nas cerimónias do Dia de Chibuto.

Questionado sobre as razões da inexistência de uma declaração que atesta que o negócio de compra e venda da viatura foi, de facto,

efectivado, o declarante respondeu que nunca imaginou que “pudesse acontecer algum problema”.

Ainda ontem, o tribunal ouviu os proprietários das três viaturas que estavam estacionadas no local do acidente e ficaram danificadas, e o dono da oficina de mecânica que viu parte da vedação derrubada pelo Toyota Mark X que transportava os assassinos de Matavale.

Um negócio feito entre colegas da autarquia de Chibuto

Localizado a cerca de 70 quilómetros do tribunal que julga o assassinato de Matavale, Chibuto foi sempre referência nas sessões de audiência e julgamento. E ontem não foi excepção. Além do edil de Chibuto, foi ouvido outro declarante que também é funcionário na mesma autarquia. Chama-se Vitorino Muchanga, motorista protocolar de Henriques Machava e intermediário da venda da viatura.

Isto é, o negócio da viatura, ou melhor, o suposto negócio da viatura, envolveu o edil Machava, o seu motorista protocolar e um funcionário do município, Ricardo Manganhe. Mais ainda, o declarante Alfredo Chichongue, apontado pelos arguidos como a pessoa que distribuiu material de campanha da Frelimo aos membros do pelotão no dia 4 de Outubro de 2019, disse conhecer Nóbrega Chaúque. Na sua página do Facebook, Chichongue aparece em muitos convívios com o edil de Chibuto, Henriques Machava. Mas a investigação do assassinato de Matavale não conseguiu desmistificar a “teia” de Chibuto, que parece ter conexão com os mandantes do crime.

COVID-19

STATE OF EMERGENCY AND HUMAN RIGHTS IN MOZAMBIQUE

Report human rights abuse during the state Of emergency in mozambique

From April the 1st to the 30th, 2020

CALL NOW:
87 85 33 330

WhatsApp

Respect human rights in Mozambique. Spread the word! COVID-19 An initiative of

CDD CENTRO PARA DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO

sahrdn

Help respect human rights Mozambique. Spread the word!

COVID-19

ESTADO DE EMERGÊNCIA E DIREITOS HUMANOS EM MOÇAMBIQUE

Denuncie os abusos contra os Direitos Humanos em Moçambique

De 01 a 30 de Abril de 2020

LIGUE JÁ:
87 85 33 330

WhatsApp

Respeite os Direitos Humanos na resposta ao COVID-19. Passe a palavra! Uma iniciativa

CDD CENTRO PARA DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO

sahrdn


Ajude a respeitar os Direitos Humanos em Moçambique. Passe a palavra!



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para a Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Emídio Beula
Equipa Técnica: Emídio Beula , Agostinho Machava, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando.
Layout: CDD

Contacto:
Rua Eça de Queiroz, nº 45, Bairro da Coop, Cidade de Maputo - Moçambique
Telefone: 21 41 83 36

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



Comissão Episcopal de Justiça e Paz, Igreja Católica

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

